



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU-CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL
CURSO DE LETRAS COM HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS
RESPECTIVAS LITERATURAS**

KALINE DANTAS ROCHA

***AS HORAS NUAS, ÁRIDAS E VAZIAS: UMA ANÁLISE DA
REPRESENTATIVIDADE DA SOLIDÃO HUMANA A PARTIR DA PERSONAGEM
ROSA AMBRÓSIO***

PATU-RN

2023

KALINE DANTAS ROCHA

**AS HORAS NUAS, ÁRIDAS E VAZIAS: UMA ANÁLISE DA
REPRESENTATIVIDADE DA SOLIDÃO HUMANA A PARTIR DA PERSONAGEM
ROSA AMBRÓSIO**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Avançado de Patu-CAP, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua portuguesa e suas respectivas literaturas.

**Orientadora: Prof.^a Ma. Sidileide Batalha
do Rêgo**

PATU-RN

2023

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

**Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.**

R672h Rocha, Kaline Dantas

As horas nuas, áridas e vazias: uma análise da representatividade da solidão humana a partir da personagem Rosa Ambrósio. / Kaline Dantas Rocha. - Patu, 2023.

43p.

Orientador(a): Profa. M^a. Sidileide Batalha do Rêgo.
Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Solidão. 2. Envelhecimento. 3. Abandono. 4. Rosa Ambrósio. I. Rêgo, Sidileide Batalha do. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

KALINE DANTAS ROCHA

**AS HORAS NUAS, ÁRIDAS E VAZIAS: UMA ANÁLISE DA
REPRESENTATIVIDADE DA SOLIDÃO HUMANA A PARTIR DA PERSONAGEM
ROSA AMBRÓSIO**

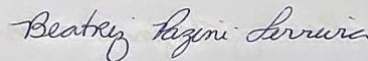
Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Campus Avançado de Patu-CAP, como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras Língua portuguesa e suas respectivas literaturas.

Aprovada em: __/04/2023.

Banca Examinadora



Prof^a. Ma. Sidileide Batalha do Rêgo (Orientadora)
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Prof^a. Dr^a Beatriz Pazini Pereira
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN



Prof^a. Ma. Daysa Rêgo de Lima
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Nessa etapa tão importante da minha vida, eu não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas que contribuíram de forma majestosa para a concretização desse momento. Primeiramente, quero agradecer a Deus por ter me dado força, sabedoria e discernimento para enfrentar todos os obstáculos que surgiram durante esse processo de graduação.

Agradeço a minha professora/ orientadora, Sidileide Batalha, por ter aceitado me orientar, pelas sugestões preciosas que contribuíram para a construção dessa monografia, e principalmente pelo apoio, dedicação e incentivo durante todo esse percurso.

Ao meu pai, Aldeilzo, que foi essencial durante toda a minha graduação, auxiliando na minha locomoção até a universidade, sem ele eu não teria como frequentar as aulas.

Agradeço, em especial, a minha saudosa mãe, Maria Neli, pelo apoio, incentivo e paciência comigo nos meus momentos estressantes.

Agradeço a minha melhor amiga, Gilvania, por sempre me receber de braços abertos em sua casa quando preciso.

A minha avó, Maria Benigna, que infelizmente não está mais entre nós, mas enquanto viva sempre me incentivou a trilhar pelo caminho dos estudos.

A todos os professores / funcionários do *Campus* avançado de Patu que contribuíram de alguma forma para o meu crescimento pessoal e acadêmico, dentre eles, agradeço em especial, as professoras Leidiana e Aline pela compreensão e companheirismo quando necessários.

Agradeço a Daysa e a Beatriz por aceitarem compor essa banca de defesa e pelas leituras atentas do meu trabalho.

Agradeço a todos que foram meus colegas durante a graduação, especialmente, aos meus amigos, Anna Leticia, Vitória, Lucas, Jaciara e Mateus pelas risadas, conversas, conselhos, puxões de orelha e apoio durante a jornada, vocês tornaram meus dias mais leves. Ao meu gato Thomas por ter sido o remédio nos meus momentos de ansiedade.

A Lygia Fagundes Telles pela sua literatura.

“A solidão é o preço que temos de pagar por termos nascido neste período moderno, tão cheio de liberdade, de independência e do nosso próprio egoísmo”. SOSEKI NATSUME.

RESUMO

A solidão é definida como uma sensação subjetiva que gera dor e sofrimento psíquico, suas causas estão relacionadas a inúmeros fatores que vão desde o abandono familiar, interações sociais malsucedidas, deficiência em relacionamentos interpessoais, perda de entes queridos e abandono amoroso. Pensando nisso, nosso estudo analisou a representação da solidão na personagem Rosa Ambrósio do livro *As Horas Nuas* (1999), de Lygia Fagundes Telles, buscando, sobretudo, investigar quais foram as causas que coadjuvaram a solidão da personagem, como o medo do envelhecimento, o abandono na infância e os seus relacionamentos amorosos. Este estudo foi realizado através de uma pesquisa qualitativa, com viés bibliográfico e consiste na interpretação de excertos literários em conjunto com a teoria concernente ao tema. Para a análise da obra à luz teórica dos estudos que abordam e refletem sobre o tema solidão, utilizamos Angerami-Camon (1990), Bauman (2001;2004;2007), Berman (1982), Freud (1987), Quinodoz (1993) e Zanoni (2015). Já abordando como o envelhecimento feminino é encarado dentro das sociedades, utilizamos as contribuições de Beauvoir (1970), Lasch (1983) e Pitanga (2006). Ademais, esta investigação permitiu compreender que a solidão da personagem se originou a partir de uma sucessão de perdas e abandonos que tiveram início no período da infância e perduraram até a fase adulta. Por fim, pretendemos, pois, com esse trabalho ampliar os estudos acerca da escrita literária de Lygia Fagundes Telles, bem como, fazer um levantamento sumário sobre a temática da solidão.

Palavras-chave: Solidão; envelhecimento; abandono; Rosa Ambrósio.

ABSTRACT

Loneliness is defined as a subjective feeling which causes pain and psychic suffering, its causes are related to numerous factors, ranging from family abandonment, unsuccessful social interactions, deficiencies in interpersonal relationships, the loss of loved ones and love rejections. With this thought in mind, our study has analyzed the representation of the loneliness in the character Rosa Ambrósio from the book *As Horas Nuas* (1999), by Lygia Fagundes Telles, aiming, above all, to dig into what were the causes that coadded the loneliness of the character, such as the fear of getting older, abandonment in childhood, and her love relationships. This study was conducted through qualitative research with a bibliographical bias, and consists in the interpretation of literary excerpts in accordance with the theory concerning the theme. In order to analyze the piece in the light of the theoretical studies that address and reflect on the theme loneliness, we used Angerami-Camon (1990), Bauman (2001; 2004; 2007), Berman (1982), Freud (1987), Quinodoz (1993) and Zanoni (2015). Addressing how female aging is faced within societies, we used the contributions of Beauvoir (1970), Lasch (1983) and Pitanga (2006). Moreover, this research allowed the understanding that the character's loneliness feeling originated from a succession of losses and abandonments that began in her childhood and lasted until adulthood. In conclusion, we intend, with this work, to expand the research on Lygia Fagundes Telles' literary writing, as well as to make a summary survey about the theme of loneliness.

Keywords: loneliness; aging; abandonment; Rosa Ambrósio.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 SOLIDÃO E INDIVIDUALIDADE DO SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE.....	17
2.1 A dama da literatura brasileira: Lygia Fagundes Telles	18
2.2 Abandono e solidão: a representação da condição humana pós-moderna na escrita de Lygia Fagundes Telles	19
2.3 A rosa murcha: a aversão ao processo de envelhecimento feminino	24
2.4 A fluidez das relações humanas e a solidão como um medo decorrente da fragilidade e fugacidade das relações afetivas.....	26
3 UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM ROSA AMBRÓSIO.....	29
3.1 Uma Rosa Despetalada	29
3.2 Rosa Ambrósio: a solidão a partir das relações familiares conturbadas .	34
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	44

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o sociólogo Polonês Zygmunt Bauman, em *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), as relações da sociedade moderna são construídas a partir de laços frágeis, sejam essas relações amorosas, familiares, sociais ou econômicas. Tendo em vista essa percepção, ele cunhou o termo “liquidez” para ser utilizado como uma metáfora para explicar que a maioria das pessoas buscam satisfação temporária – algo imediato que as deixará felizes por um momento. Porém, a sensação de satisfação é efêmera e sempre acaba; isso faz com que o sujeito busque mais formas instantâneas de prologar o sentimento de prazer: seja em relações amorosas, vícios ou consumismo desenfreado. Por isso, a utilização do termo “liquidez” por causa da maleabilidade, da facilidade com que os elementos em estado líquido podem ser divididos. E é justamente em meio a esse emaranhado de relações líquidas e supérfluas que se instaura o que chamamos de solidão, sentimento associado a tristeza, advinda principalmente do abandono, da rejeição e da exclusão.

A solidão é definida por Ângela Pinheiro e Alvaro Tamayo em *Conceituação e definição de solidão* (1984, p.36), como sendo uma “reação emocional de insatisfação decorrente da falta e/ou deficiência de relacionamentos pessoais significativos, a qual inclui algum tipo de isolamento”. Nos casos mais graves, esse fenômeno psicológico, acaba interferindo no bem-estar dos indivíduos e corroborando com o desenvolvimento de doenças psicopatológicas como a ansiedade e a depressão. Nesse âmbito, para se ter uma ideia, a sociedade Brasileira de psiquiatria, aponta que a solidão está relacionada com 50% dos casos de suicídio em todo o mundo, portanto, trazer um olhar voltado para essas questões se torna extremamente necessário e que merece discussões mais contundentes em vieses sociais. Frente a esses problemas, a literatura tem fundamental importância no tratamento reflexivo que se deve dar a solidão e ao indivíduo solitário. Assim, por meio da literatura, discussões são levantadas, mobilizando um olhar crítico acerca de problemáticas sociais.

Em vista disso, a presente pesquisa que se situa na área de concentração Literatura Brasileira contemporânea e na linha de pesquisa Texto literário, sociedade e cultura, estuda a obra *As Horas Nuas* (1999), de Lygia Fagundes Telles. Que traz em seu enredo críticas sociais voltadas para a solidão do sujeito pós-moderno ocasionada, sobretudo, pela precariedade dos laços afetivos e pelo preconceito advindo da sociedade em relação ao processo de envelhecimento.

Nascida na cidade de São Paulo em 19 de abril de 1923, a autora fez parte da terceira geração do modernismo brasileiro, conhecida como geração de 45. Seus textos apresentam um caráter intimista e focam nas relações humanas em contato com a sociedade. As narrativas lygianas são geralmente fragmentadas e as ações se desenvolvem a partir de fluxos de consciência ou monólogos interiores dos personagens.

Sempre com um olhar atento e sensível sobre os fatos que perpassam a sociedade, a escritora busca retratar em suas obras, a partir de perspectivas femininas, questões sociais e existenciais, dentre as quais, as temáticas que mais se sobressaem são: o amor, as drogas, a solidão, o adultério, a exclusão profissional, as diferenças sociais, a rejeição e o envelhecimento feminino.

O *Corpus* que será analisado trata-se de um romance ficcional moderno, com enredo fragmentado e uma linguagem plurissignificativa. O livro foi publicado originalmente no ano de 1989 pela editora nova fronteira, e trata da história de Rosa Ambrósio, uma ex atriz de teatro alcoólatra e decadente que se prepara para a sua retomada aos palcos ao mesmo tempo em que faz um balanço de sua vida, amores, fracassos e perdas.

Abandonada por todos que ama, a atriz envelhecida passa seus dias confinada num apartamento, tendo como companhia apenas seu gato Rahul e uma velha empregada chamada Dionísia. Sua filha Cordélia vive viajando na companhia de homens mais velhos, seu marido Gregório suicidou-se e seu amante Diogo trocou-a por moças mais jovens. Agora sozinha e infeliz, a protagonista tem que lidar com seus maiores medos: a solidão e a velhice.

As horas nuas (1999) apresenta três vozes narrativas distintas, nas quais a primeira delas é a da própria atriz Rosa Ambrósio, personagem central do romance. A segunda é a de Rahul (gato de estimação da protagonista) e por último, um narrador em terceira pessoa que focaliza as ações de Ananta Medrado psicóloga da atriz. No entanto, cabe deixar claro, que o foco desta pesquisa está voltado apenas para a personagem Rosa Ambrósio e a narração dos acontecimentos de sua vida.

Percebemos que a personagem central do romance se encontra totalmente fragilizada emocionalmente diante dos constantes fracassos afetivos e profissionais que vivenciou ao longo de sua vida, encontrando-se, por vezes, em um completo estado de solidão. Posto isso, com o intuito de compreender e investigar os aspectos que mais culminaram para esse estado emocional da personagem é que surgiu a

delimitação do tema proposto: “As horas nuas, áridas e vazias: uma análise da representatividade da solidão humana a partir da personagem Rosa Ambrósio”.

Com essa temática pretendemos trazer à tona questões voltadas para a solidão humana e a perecibilidade dos laços afetivos e estudar como isso é configurado na obra literária. Para tanto, nosso estudo estará relacionado aos seguintes questionamentos: a) Como acontece a representação da solidão da personagem Rosa Ambrósio no livro *As Horas Nuas*, de Lygia Fagundes Telles? b) Como era a conexão de Rosa Ambrósio com seus familiares e suas relações amorosas? c) Qual a relação entre o envelhecimento da atriz Rosa Ambrósio e o seu isolamento?

Partindo de tais aspectos, a presente pesquisa tem como objetivo principal analisar a representação da solidão na personagem Rosa Ambrósio do livro *As Horas Nuas*, de Lygia Fagundes Telles, decorrente de dois fatores: a perecibilidade dos laços afetivos e a velhice. E específicos: a) investigar os fatores que causaram a solidão da personagem, como o medo do envelhecimento, o abandono na infância e os seus relacionamentos amorosos; b) interpretar a relação de Rosa Ambrósio com seus familiares; c) compreender qual conexão se estabelece entre o envelhecimento e a solidão da atriz Rosa Ambrósio em *As horas nuas*.

Isto posto, a presente pesquisa se desenvolve a partir do método interpretativo com viés bibliográfico, e se efetiva através da leitura de textos críticos sobre a obra estudada, bem como da leitura de textos teóricos sobre o tema da solidão humana e da perecibilidade dos laços afetivos, visando sempre os textos bibliográficos. Para Lakatos e Marconi (2003, p.183) “a pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia já tornada pública sobre um tema de estudo desde publicações avulsas, artigos, teses, livros, monografias, etc.”. Sendo assim, a partir do levantamento bibliográfico, será feita uma análise das teorias concernentes ao tema da solidão, definidos como guia teórico deste trabalho, buscando observar como os autores lidam, definem e conceituam essas questões, e a partir disso entender como a temática da solidão é configurada no romance *As horas nuas* (1999), de Lygia Fagundes Telles.

Nesse viés, nosso estudo, enquadra-se, portanto, como qualitativo, uma vez que não fará uso de dados estatísticos, apenas da compreensão do texto analisado. Para Mynaio (2002, p.22) “a pesquisa qualitativa [...] corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalizações de variáveis”. Ou seja, nessa abordagem o pesquisador, por

meio de abstrações que extrapolam os dados obtidos, estabelece relações de causa e efeito.

Utilizamos como embasamento teórico para os estudos de *As Horas Nuas* (1999) sobre o tema: “As horas nuas, áridas e vazias: a representação da solidão a partir da personagem Rosa Ambrósio”, Angerami-Camon (1990), Berman (1982) Bauman (2001;2004;2007), Zaroni (2015), Freud (1987) e Quinodoz (1993). Já abordando como o envelhecimento feminino é encarado dentro das sociedades, utilizaremos as contribuições de Beauvoir (1970), Lasch (1989) e Pitanga (2006), assim como diversos outros teóricos que possam vir a surgir, conforme a necessidade, ao longo de nossa pesquisa.

É importante destacar que o interesse em trabalhar com essa temática surgiu a partir das leituras das obras *Amor líquido* (2004) e *Modernidade líquida* (2001), do escritor polonês Zigmunt Bauman que em seus livros aborda de maneira intrínseca temas relacionados a fragilidade dos laços humanos diante de uma sociedade pós-moderna. Nesse interim, com a realização das leituras das obras supracitadas surgiu o interesse de elaborar um estudo voltado para essas questões, especificamente, acerca da solidão humana decorrente da perecibilidade das relações afetivas. Dessa forma, como instrumento de pesquisa, optamos pela escolha da obra *As horas nuas* (1999), da escritora brasileira Lygia Fagundes Telles, justamente por abordar em seu enredo a solidão de Rosa Ambrósio, uma ex atriz de teatro alcoólatra e decadente que ao longo de sua vida acumulou diversas perdas que acabaram de certa forma contribuindo para o seu estado atual.

Nos últimos anos, percebemos uma notável expansão no número de pesquisa literárias sobre Lygia Fagundes Telles. Ao buscarmos nas principais plataformas virtuais de trabalhos científicos, como SciELO, Google acadêmico e o banco de dados do Sistema Integrado de Bibliotecas da UERN, encontramos uma considerável produção relativa as obras da autora. Dentre os trabalhos, os que se sobressaem com a temática da solidão na escrita lygiana são os estudos de Maria Aparecida da Costa, intitulado “No fim, o gato e eu: abandono e solidão em *As horas nuas* de Lygia Fagundes Telles”; e o artigo de Kelio Junior Santana Borges, intitulado “A solidão Dionisíaca na obra de Lygia Fagundes Telles”. Ambos os trabalhos citados aqui abordam a solidão em uma perspectiva positiva, entendendo-a como fonte energizadora, desconsiderando, pois, a sua origem. Nesse contexto, reafirmamos a

importância do nosso estudo, uma vez que ele aborda esse fenômeno psicológico investigando os fatores que o coadjuvaram.

Diante disso, este estudo tem enquanto relevância acadêmica e social, o intuito de despertar conhecimentos e reflexões sobre o tema solidão. Temática essa que nunca deixou de ser atual e que embora possa estar relacionado a outros quadros como uma depressão por exemplo, ainda é visto de forma errônea por grande parte da população e interpretado, por vezes, como 'frescura'. Sendo assim, o foco dessa pesquisa está voltado para discussões a respeito da solidão humana e os fatores que contribuem para o desenvolvimento desse estado emocional. Para isso, os estudos de Lasch (1983) e Bauman (2001-2004) se mostram de extrema importância para o desenrolar de nossa pesquisa.

Nesse sentido, espera-se através dessa pesquisa trazer contribuições para a área da literatura brasileira, com todos os levantamentos e reflexões acerca da solidão da personagem Rosa Ambrósio no livro *As Horas Nuas* (1999) e também para o meio social por se tratar de um estudo minucioso que aborda questões de cunho emocionais que, de certa forma, estão correlacionadas com o meio em que vivemos, em que cada vez mais presenciamos relacionamentos líquidos e fracassados que trazem consequências psicológicas para os envolvidos. Destarte, defendemos ainda, que além de trazer uma atualização sobre o tema da solidão em estudos literários, a presente pesquisa poderá também subsidiar a elaboração de outros estudos no âmbito da literatura brasileira.

Para a condução desse estudo o texto será organizado em duas seções, sendo a primeira voltada para as teorias concernentes ao nosso estudo e a segunda para a análise do *corpus* da pesquisa. Sendo assim, a seção I intitulada: **Solidão e individualidade do sujeito na pós-modernidade**, trata da relação estabelecida entre esse duplo, verificando se o individualismo presente nos sujeitos pós-modernos está contribuindo com os quadros de solidão profunda. Ademais, para o aprofundamento dessas questões, a seção I está dividida em quatro tópicos intitulados respectivamente: 2.1 – A dama da literatura brasileira: Lygia Fagundes Telles; 2.2- Abandono e solidão: a representação da condição humana pós-moderna na escrita de Lygia Fagundes Telles; 2.3 – A rosa murcha: a aversão ao processo de envelhecimento feminino e 2.4; A fluidez das relações humanas e a solidão como um medo decorrente da fragilidade e fugacidade das relações afetivas. Já a seção II intitulada: **Uma análise da personagem Rosa Ambrósio** será destinada a análise da

obra *As horas nuas* (1999) e é composto por dois tópicos: 3.1 Uma rosa despetalada e 3.2 Rosa Ambrósio: a solidão a partir das relações familiares conturbadas.

2 SOLIDÃO E INDIVIDUALIDADE DO SUJEITO NA PÓS-MODERNIDADE

É sabido que vivemos em uma sociedade moderna em que tudo muda de modo repentino e temporário, trazendo, pois, mudanças nos âmbitos profissionais e pessoais. Essas mudanças, muitas vezes, geram indivíduos solitários, individualistas e superficiais que procuram em relacionamentos “líquidos” meios para fugir dos seus medos e carências, porém, a inversão de valores e a exacerbação do amor produz nesses mesmos indivíduos o sentimento de solidão.

Posto isto, esse capítulo se propõe a fazer uma articulação entre individualismo, fluidez das relações humanas, envelhecimento e solidão. Sendo, portanto, o individualismo incentivado na sociedade contemporânea, de acordo com Santos, Gregório e Rosa (2021, p.335) “nada mais que o abandono, a solidão, o esgarçamento das relações entre vizinhos, amigos e familiares”. Ou seja, dentro dessa visão, o individualismo não passa de um artifício criado para minar as relações interpessoais, fazendo com que os indivíduos deixem de construir relações sólidas, para viver uma vida fútil, pautada no consumismo, na efemeridade e no hedonismo-prazer instantâneo.

Além disso, cabe destacar ainda que, o individualismo, a desvalorização das relações interpessoais e o hedonismo incentivados pela sociedade de consumo contribuíram com o que Bauman (1998) chama de mal-estar da pós-modernidade; que diferentemente do mal-estar da civilização, explicado por Freud (1930) não está relacionado a limitação da liberdade em prol da segurança, pelo contrário, os indivíduos pós-modernos conseguiram a liberdade que almejavam, porém, por outro lado, perderam a segurança que tinham tanto no mercado de trabalho quanto nas relações interpessoais o que corroborou, dessa forma, o surgimento de outro mal-estar, dessa vez, causado pela sensação de incertezas.

Nessa perspectiva, ou o indivíduo se adapta as mudanças impostas pela sociedade de consumo ou se torna o “estranho” e é conseqüentemente excluído dos ambientes sociais que os indivíduos que se enquadram convivem. Essa ameaça de ser marginalizado socialmente é outro fator importante que contribuí com os mal-estares da pós-modernidade que envolvem ansiedade, medo e solidão. (SIQUEIRA,2014).

Dessa forma, com o intuito de compreendemos os aspectos que contribuíram para a instauração do quadro de solidão da personagem de *As horas nuas* (1999),

Rosa Ambrósio, optamos por dividir essa seção teórica em subtópicos. Sendo assim, o primeiro subtópico dessa monografia versará sobre a dama da literatura brasileira, Lygia Fagundes Telles. O segundo, está destinado a investigar a recorrência dos temas abandono e solidão na escrita da autora supracitada. O terceiro subtópico, terá como enfoque a compreensão acerca da aversão que existe em torno do processo de envelhecimento feminino e como isso contribui para a solidão. E o quarto e último subtópico, focaliza a fluidez das relações humanas, bem como na solidão como um medo decorrente da fragilidade e fugacidade das relações afetivas.

2.1 Lygia Fagundes Telles: A dama da literatura brasileira

Lygia Fagundes Telles foi uma escritora contemporânea pertencente a terceira geração do modernismo brasileiro, conhecida como geração de 45. Nasceu na cidade de São Paulo em 19 de abril de 1923 e faleceu em 3 de abril de 2022, aos 98 anos, de causas naturais. Filha do advogado e promotor, Durval de Azevedo Fagundes, e da pianista, Maria do Rosário Silva Jardim de Moura, passou sua infância transitando entre várias cidades do interior, justamente em função do trabalho do seu pai. Ainda na adolescência com a ajuda financeira do pai, Lygia publica seu primeiro livro de contos intitulado de *Porão e sobrado* (1938), porém esse juntamente com *Praia viva* (1943) são rejeitados pela a autora por considerá-los incipientes.

O conjunto da obra da escritora reúne 18 livros de contos e 4 romances, totalizando 22 obras. Lygia Fagundes Telles, foi, inclusive, agraciada diversas vezes pela sua vasta produção literária, dentre as premiações que a escritora ganhou destaca-se: o prêmio internacional de escritoras com o livro de contos *Baile verde* (1970), prêmio Jabuti com o livro *As meninas* (1973), prêmio PEN Clube do Brasil com a obra *Seminário dos ratos* e o prêmio Camões entregue no dia 13 de outubro de 2005, durante a VIII Cúpula Luso-brasileira, realizada na cidade do Porto, em Portugal.

Segundo Borges (2018), há dois traços marcantes que distinguem a particularidade do estilo literário de Lygia Fagundes Telles: o primeiro é o teor mítico presente em seus temas e enredos; e o segundo, é a densidade com que sua escrita penetra a misteriosa essência da condição humana. Nessa perspectiva, a literatura de Telles caracteriza-se então, como prosa intimista em que o foco recai sobre o conflito existencial dos personagens, em meio a enredos fragmentados e no recorrente uso do fluxo de consciência e do monólogo interior. Além disso, outra

característica marcante na escrita lygiana está relacionada ao fato de que tanto os narradores como os protagonistas que compõem as tramas da autora são essencialmente femininas.

Destarte, cabe ressaltar ainda que, as obras da escritora não seguem a estrutura das narrativas convencionais, a saber, aquelas que apresentam começo, meio e fim bem definidos, pelo contrário, além de serem fragmentados, as obras lygianas, muitas vezes apresentam finais indefinidos ou em aberto deixando para o leitor a sensação de vazio e incompletude.

2.2 Abandono e solidão: a representação da condição humana pós-moderna na escrita de Lygia Fagundes Telles

Para compreendermos a pós-modernidade faz-se necessário primeiro discorrer um pouco sobre o período anterior denominado de modernidade. Segundo o escritor e filósofo Marshall Berman (1982), a modernidade não se resume a um período ou um momento da sociedade, pelo contrário, modernidade é todo o ambiente que envolve presente/passado e futuro.

Essa modernidade enquanto ambiente para o autor tem dois aspectos: o modernismo que é uma dimensão estética e ataca, sobretudo, as tradições firmadas; e a modernização que é uma dimensão ética que coordena o ambiente e impede que os valores se solidifiquem, fazendo assim, com que tudo que seja “sólido se desmanche no ar”.

Posto isso, Berman afirma que a modernidade é uma época completamente contraditória, pois ao mesmo tempo que ela oferece inúmeras possibilidades, ela também oferece riscos:

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (BERMAN, 1982, p.15).

Dessa forma, conforme o autor, o homem moderno vive uma dicotomia, pois, por um lado, há promessas de que ele pode ser e ter tudo e, pelo outro, há ameaças de que tudo que ele construiu pode ser aniquilado a qualquer momento. Nessa perspectiva, Berman complementa ainda afirmando que a crescente industrialização

e a construção de um mundo novo apresentam um preço alto que vem em forma de angústias e ansiedades que assolam a vida moderna:

As energias, angústias e ansiedades mais características do mundo contemporâneo brotam dos movimentos e pressões da moderna vida econômica: de sua incansável e insaciável demanda de crescimento e progresso; sua expansão dos desejos humanos para além das fronteiras locais, nacionais e morais; sua pressão sobre as pessoas no sentido de explorarem não só aos outros seres humanos mas a si mesmas; a volubilidade e a interminável metamorfose de todos os seus valores no vórtice do mercado mundial; a impiedosa destruição de tudo e todos os que a moderna economia não pode utilizar —quer em relação ao mundo pré-moderno, quer em relação a si mesma e ao próprio mundo moderno — e sua capacidade de explorar a crise e o caos como trampolim para ainda mais desenvolvimento, de alimentar-se da sua própria autodestruição. (BERMAN, 1982, p.119-120).

Nesse sentido, conforme o autor, a vida moderna é completamente desafiadora, uma vez que os valores não chegam a se solidificarem e nada serve para os homens e mulheres modernos. Eles não conseguem manter nenhum valor, nenhuma tradição, nenhuma moral, não conseguem se apegar em nada, nem do ponto de vista ético e nem do ponto de vista estético, pois tudo muda, tudo se altera, tudo se renova, tudo se desmancha no ar.

Nesse ponto de vista, o sociólogo polonês Zigmunt Bauman escreveu o livro *Modernidade líquida* (2001), termo usado em substituição de pós-modernidade, que segundo ele apresentava uma confusão semântica e era, muitas vezes, confundido com pós-modernismo que é uma ideologia de pensamento. Nesse livro, o autor afirma que vivemos em uma modernidade líquida, ou seja, em um modelo de relações sociais tão volátil e instável como a água. O sociólogo usa a metáfora da água para explicar que os laços humanos e sociais na sociedade contemporânea não apresentam uma estabilidade, uma forma fixa e; assim como os líquidos, mudam repentinamente conforme o molde e as circunstâncias de contextos e cenários.

Destarte a isso, o filósofo francês Jean François Lyotard em seu livro *A condição-moderna* (1979) afirma que o sujeito pós-moderno está vivendo cisões, justamente por conta do abandono das metanarrativas, ou seja, aquelas narrativas totalizantes que tentavam de algum modo englobar a universalização de ideias que por sua grandeza e magnitude conseguiriam levar o ser humano a um progresso. Como exemplo dessas metanarrativas, podemos citar o iluminismo e o marxismo. O iluminismo prometia que o ser humano desde que chegasse a um desenvolvimento

intelectual e a uma democratização do conhecimento na modernidade, conseguiria então um progresso moral, promessa essa que como vimos não se concretizou, uma vez que o século XX foi marcado por guerras, sexismo, nazismo, homofobia e holocausto. Do mesmo modo, o marxismo não conseguiu cumprir sua promessa de uma sociedade sem exploração e dominação, tendo em vista que mesmo com todas as crises, o capitalismo se instalou e ficou.

Nessa perspectiva, os indivíduos pós-modernos, com consciência dos fracassos das utopias que a modernidade prometeu, tornaram-se seres descrentes/desiludidos que não acreditam em nada e olham o mundo como um espaço vazio; diferentemente dos modernos, que acreditavam na razão e na ideia de que o mundo estava caminhando em alguma direção.

Desse modo, enquanto a modernidade caracterizava-se por apresentar uma crença positiva no progresso, nas epistemes, nas estruturas e nas explicações sistemáticas globalizantes sobre elas; a pós-modernidade, por outro lado, configura-se como uma negação de tudo isso, justamente, por entender que essas metanarrativas não produziam explicações satisfatórias acerca das alteridades que compunham o mundo.

Nas narrativas lygianas é possível ver esses contextos de transformação, bem como a angústia dos sujeitos pós-modernos que não têm valores, referências, que nunca estão satisfeitos com nada e estão sempre em busca do que não tem. Nesse viés, os temas abandono e solidão aparecem de maneira recorrente na escrita da autora, dentre as obras que abordam tal temática, podemos citar o romance *As horas nuas* (1999) e os contos “Eu era mudo e só” e “Apenas um saxofone”, integrantes do livro *Antes do baile verde* publicado em 1970. Ambas as narrativas citadas apresentam personagens solitários e imersas em conflitos existenciais.

Em *As horas nuas* (1999), por exemplo, Telles nos apresenta a história de Rosa Ambrósio, uma atriz decadente que em tempos áureos fez grande sucesso nos palcos do teatro. Porém, na velhice, ou na idade da “madureza”, assim como a personagem prefere chamar essa etapa da vida, ela vive confinada em seu apartamento, abandonada por todos, entregue ao álcool e as lembranças da juventude.

No conto “Eu era mudo e só”, o tema da solidão aparece novamente na escrita da autora, dessa vez por meio do protagonista Manuel, um homem casado com uma mulher pertencente a alta sociedade burguesa, que embora pareça estar em um casamento “perfeito”, vive infeliz, entregue a solidão e ao desamparo.

Já no conto “Apenas um saxofone”, a temática da solidão aparece representada através da personagem Luisiana, uma rica e refinada prostituta, que entregue ao álcool e a solidão faz um balanço de sua vida, bem como relembra a história de amor que viveu com um saxofonista.

É necessário destacarmos que existem inúmeras definições para o termo solidão; no *Dicionário Aurélio*, por exemplo, essa palavra é entendida como um estado ou uma condição de quem se acha ou vive só, ou seja, segundo essa ótica a solidão seria nada mais que um fenômeno decorrente da ausência de convivência com outras pessoas, o que se torna mais compatível com o isolamento social. Partindo de outro enfoque, o psicoterapeuta Angerami-Camon (1990) definiu a solidão como uma configuração extremada da ausência do outro que está, segundo ele, intimamente ligada ao vazio existencial e ao isolamento. No entanto, o autor ainda esclarece que embora o isolamento esteja relacionado a solidão, ambos são diferentes:

solidão — ser só — é diferente de isolamento — estar só. Mas situações de isolamento podem contribuir para tornar muito penosa a minha sensação de ser só. Estando numa cidade onde não conheço ninguém, não interajo com ninguém a não ser o garçom do restaurante ou o cobrador do ônibus, fico sem contatos sociais. Aí, realmente, pode ser mesmo muito forte e dolorida a consciência de ser só. Exemplos claros de sofrimento provocado pelo isolamento social podem estar do nosso lado e passar despercebidos. Como a empregada doméstica, proibida de frequentar o ambiente social da própria casa onde mora; ela não pode receber amigos na sala, nem mesmo o namorado no seu quarto, já muito diferente do resto da casa (ANGERAMI-CAMON,1990, p.15).

Nessa conjuntura, podemos compreender que enquanto a solidão diz respeito ao “sentir-se só” e pode ser vivenciada mesmo cercado de inúmeras pessoas, o isolamento relaciona-se ao “estar só” que não necessariamente desperta sofrimento no indivíduo, mas que pode “contribuir para tornar penosa a sensação de ser só” (ANGERAMI-CAMON,1990). No entanto, Pinheiro e Tamayo (1984, p.30) após apresentarem seis dimensões no qual a solidão é comumente relacionada, a define como “uma reação emocional de insatisfação decorrente da falta e/ou deficiência de relacionamentos pessoais significativos, a qual inclui algum tipo de isolamento”. Nesse sentido, de acordo com os autores, a solidão estaria então vinculada a falta ou ausência de proximidade nos relacionamentos.

Dornelas (2010, p.28), por outro lado, discorda desse pensamento e afirma que “a solidão não significa necessariamente a ausência dos relacionamentos interpessoais, mas a ausência do sentimento de ‘pertencimento’ e/ou de alguém que

ajude na referência de ser no mundo”. Ou seja, para essa autora, a solidão seria causada pela falta de integração social, o que vai ao encontro da definição de Zanoni (2015) que se refere a esse fenômeno psicológico como uma sensação subjetiva carregada de dor e sofrimento advinda das interações sociais malsucedidas.

Ferraz (2006), por sua vez, defende que a solidão pode ser vivenciada através de dois aspectos: o negativo quando associado a privação, exclusão e isolamento extremo; e o positivo quando passa a ser percebido como uma opção do próprio sujeito, como um “espaço necessário para a criação”. Dessa forma, enquanto o primeiro traz dor, tristeza, incompletude e falta; o segundo se apresenta como um encontro consigo mesmo, em que nele há a oportunidade de reflexão, meditação, autoconhecimento e paz. Angerami-Camon em seu livro *Solidão- a ausência do outro* (1990), partilha desse pensamento e afirma que a solidão quando vivenciada em seu aspecto positivo, funciona como uma fonte de energização criativa, em que ao isolar-se do outro, o sujeito cria condições de enriquecimento d'alma favorecendo assim a produção de trabalhos intelectuais e artísticos. Todavia, cabe o esclarecimento que a experiência de solidão quando vivenciada positivamente denomina-se *solitude*.

Entretanto, apesar de existirem várias divergências entre os teóricos em relação ao termo solidão, há uma convergência entre eles a respeito de ela estar relacionada a dois fatores: “o afetivo, que compreende a experiência emocional negativa da solidão; e o cognitivo, que abrange a contraposição entre as relações sociais desejadas e as que são alcançadas” (SANTOS; GREGÓRIO; ROSA, 2021, p.23). Desse modo, enquanto o primeiro resulta da perda ou ausência de relacionamentos verdadeiros e íntimos, geralmente com cônjuges, entes queridos, pais e filhos; o segundo, por sua vez, decorre da falta de qualquer rede social mútua, sejam colegas, companheiros de Hobby ou amigos. (WEISS, 1973).

Nesse interim, tendo em vista tudo do que foi apresentado, podemos entender a solidão como um estado, um fenômeno, uma condição, uma reação de tristeza, de insatisfação, ou até mesmo um espaço destinado para criação (*solitude*). Sendo, dessa forma, considerada “uma questão com que se preocupar apenas quando se estabelece por tempo suficiente para criar um labirinto persistente, autoalimentado, de pensamentos, sensações e comportamentos negativos”. (CACIOPPO; PATRICK, 2010, p.23).

2.3 A rosa murcha: a aversão ao processo de envelhecimento feminino

O envelhecimento é uma etapa inerente aos seres humanos, não havendo, portanto, como distanciar-se dele. No entanto, para uma sociedade que prega concepções extremamente narcisistas esse processo é visto de maneira negativa, sendo, por vezes, associado a finitude, inutilidade, decadência e perda de prestígio.

Danielle Freire Pitanga na sua dissertação de mestrado intitulada “Velhice na cultura contemporânea” (2006), afirma que nos tempos modernos há uma verdadeira obsessão pelo corpo jovem e uma tentativa de corrigir os sinais da passagem do tempo no corpo envelhecido. Para a autora, as diversas técnicas criadas para corrigir as “imperfeições” que o envelhecimento deixa nos corpos, são, na verdade, tentativas de camuflar ou esconder a dor do conhecimento da finitude. Sendo justamente esse conhecimento, que faz com que a sociedade supervalorize o corpo jovem, deprecie o corpo velho e conseqüentemente deseje aniquilar a velhice:

Vivemos, numa sociedade que supervaloriza o novo, dos descartáveis, que preconiza: o belo é o instante. Logo, parece legítimo pensar no corpo idoso como aquele que está velho, ultrapassado e precisa, portanto, ser descartado, escamoteado. O que desagrada, por ser ameaçador, é recusado, rechaçado (PITANGA, 2006, p.96-97).

Já Christopher Lasch em seu livro *A cultura do narcisismo* (1983, p.253) explica que a aversão que há em torno do processo de envelhecimento "não se dá apenas porque representa o início da morte, mas porque a condição das pessoas idosas tem se deteriorado nos tempos modernos". Refletindo não só no âmbito pessoal com o esgarçamento das relações, mas também no profissional, uma vez que ao desvalorizar a experiência para dar valor a força física, a adaptabilidade e a destreza a sociedade está automaticamente excluindo os mais velhos do mercado de trabalho. (LASCH, 1983).

Ainda segundo o autor, o medo da velhice pode estar relacionado também a duas estimativas: a racional-realista, em que o indivíduo, a par do modo grotesco pelo qual o idoso é tratado nas sociedades, desenvolve aversão a esse processo; e a irracional, que está intimamente ligada a ascensão da personalidade narcísica do indivíduo que “por ter tão poucos recursos interiores, olha para os outros para validar o seu senso do eu. Precisa ser admirado por sua beleza, encanto, celebridade ou poder-atributos que declinam com o tempo” (LASCH, 1983, p.253).

Destarte, em relação ao modo como a sociedade lida com o envelhecimento, especificamente, o feminino, Pereira (2008) afirma haver uma cobrança muito grande para que os padrões de beleza e jovialidade sejam mantidos, fazendo, assim, com que muitas mulheres se sintam culpadas por envelhecer. A autora salienta, ainda, que se na sociedade de consumo o idoso é deixado de lado, “a mulher idosa o é mais ainda, pois sua imagem, muitas vezes associada à beleza e ao erotismo, degrada-se” (PEREIRA, 2008, p.3).

Simone de Beauvoir em seu livro *A velhice* (1970) atenta para essas questões, enfatizando que as consequências do envelhecimento recaem de maneiras distintas para homens e mulheres, sendo a mulher mais afetada pela passagem do tempo, não só pela degradação do seu corpo, mas também por essa degradação a tornar alvo de preconceitos e exclusões advindos da sociedade:

A história da mulher – pelo fato de se encontrar ainda encerrada em suas funções de fêmea – depende muito mais que a do homem de seu destino fisiológico. Todo período da vida feminina é calmo e monótono: mas as passagens de um estágio para outro são de uma perigosa brutalidade; evidenciam-se através de crises muito mais decisivas do que no homem: puberdade, iniciação sexual e menopausa. Enquanto ele envelhece de maneira contínua, a mulher é bruscamente despojada de sua feminilidade; perde, jovem ainda, o encanto erótico e a fecundidade, de que tirava, aos olhos da sociedade e a seus próprios olhos, a justificação de sua existência e suas possibilidades de felicidade: cabe-lhe viver, privada de todo futuro, cerca da metade de sua vida adulta (BEAUVOIR, 1970, p. 343).

Nesse panorama, além de perder o viço da juventude, a proteção e admiração dos homens, a mulher vai sendo aos poucos destituída do seu papel na sociedade. Para Simone de Beauvoir (1970, p.152) isso acontece, “porque o destino da mulher, aos olhos dos homens, é ser objeto erótico, portanto, ao tornar-se velha e feia, já não é possível exercer essa função e ela perde automaticamente o lugar que lhe é destinado na sociedade”.

Além disso, outro ponto destacado pela autora é em relação a diferença de tratamento dado a mulheres e homens quando inseridos em relações conjugais com parceiros mais jovens. Segundo ela, enquanto a mulher é julgada, recriminada e malvista perante a sociedade por estar com um rapaz mais jovem, o homem, por outro lado, não sofre represálias estando na mesma situação.

Destarte a isso, cabe ressaltar que, a temática do envelhecimento feminino também foi retratada pela escritora Lygia Fagundes Telles em sua obra *As horas nuas* (1999). A personagem central do romance citado, Rosa Ambrósio, apresenta um

verdadeiro horror a essa etapa da vida, pois segundo ela envelhecer significa acumular perdas:

A gente vai perdendo uma coisa atrás da outra, primeiro, a inocência, tanto fervor. A confiança e a esperança. Os dentes e a paciência, cabelos e casas, dedos e anéis, gentes e pentes-todo um mundo de coisas sumindo no sorvedouro, ô meu pai tantas perdas. (TELLES, 1999, p.43)

Posto isto, podemos destacar, então, como fatores que contribuem para a aversão em torno do processo de envelhecimento: em primeiro lugar, a inutilidade que a sociedade atribui aos mais velhos, refletindo, sobretudo, nos altos índices de demissões nessa fase da vida; e, em segundo lugar, a supervalorização que existe em torno do corpo belo e jovem propagados pelas mídias e pela sociedade narcisista.

2.4 A fluidez das relações humanas e a solidão como um medo decorrente da fragilidade e fugacidade das relações afetivas

É fato que vivemos em uma sociedade cada vez mais líquida, solitária e individualista, e isso acaba refletindo negativamente nos relacionamentos interpessoais. Bauman (2004), em seu livro *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, aborda essa questão enfatizando que as pessoas da líquida sociedade moderna não estão mais tão preocupadas em construir laços sólidos, mas sim, em acumular o máximo de experiências que conseguirem.

Dessa forma, os relacionamentos são “constituídos a partir de “contratos” entre dois indivíduos, sendo francamente desveladas ao modo da utilidade, ou seja, o seu sentido é o de trazer algum ganho àqueles que nelas estão envolvidos” (SÁ; MATTER; RODRIGUES, 2006, p.9). Esses “contratos” estabelecidos entre os sujeitos são definidos por Bauman (2004) como amores líquidos ou relações líquidas.

Em termos conceituais, uma relação líquida é aquela constituída a partir de laços frouxos, efêmeros e voláteis, tendo como características principais a curta duração, a imprevisibilidade, a satisfação temporária e o desejo de preencher carências e vazios existenciais. Essas relações são baseadas, sobretudo na conveniência e no mercantilismo, ou seja, serão mantidas apenas enquanto trouxerem “ganhos” ou “satisfações” para os indivíduos. Nessa perspectiva, Bauman (2007, p. 117) afirma:

[...] “relacionar-se” com outras pessoas e desenvolver um *modus convivendi* duradouro seriam, para um número crescente de pessoas, tarefas assustadoras, além do seu alcance, talvez até inalcançáveis. Lança a sombra gigantesca do consumismo sobre todo o *Lebenswelt*. Incansavelmente, transmite aos lares a mensagem de que tudo é ou poderia ser uma mercadoria e como tal deve ser tratado. Isso implica que as coisas deveriam ser “como mercadorias”, devendo ser encaradas com suspeita ou, melhor ainda, rejeitadas ou evitadas, caso se recusem a se enquadrar no padrão do objeto de consumo.

Nesse sentido, observa-se que na sociedade líquida os seres humanos estão se despersonalizando e adquirindo o *status* de mercadorias/objetos prontos para serem consumidas, e ao seguirem o caminho oposto desse “mercado humano”, acabam sendo rejeitados ou descartados pelos outros. Para Bauman (2004) até existe no sujeito o desejo de construir um relacionamento sólido, porém esse desejo é facilmente substituído pelo medo de ficar estagnado em um mundo regido pela mudança.

Nessa perspectiva, o sociólogo observa ainda que existe uma dualidade entre os seres contemporâneos, pois, por um lado, querem relacionar-se e viver as delícias de um relacionamento, e pelo outro, não querem comprometer-se, por achar que fazendo isso “estarão fechando as portas para outras oportunidades, talvez, mais satisfatórias e completas” (BAUMAN, 2004).

Ainda assim, apesar de toda efemeridade em que é constituída as relações líquidas, o sujeito pós-moderno continua na sua infundável busca por “relacionar-se”, ‘ter alguém’ que preencha, mesmo que temporariamente, seus vazios e carências existenciais. Desse modo, “as pessoas procuram parceiros e buscam ‘envolver-se’ em relacionamentos “a fim de escapar a aflição da fragilidade, só para descobrir que ela se torna ainda mais aflitiva e dolorosa do que antes (BAUMAN, 2004, p.41). Nesse interim, cabe a ressalva que, ao relacionar-se com o outro na tentativa de suprir carências e inseguranças, esse sujeito está automaticamente colocando sobre o outro a responsabilidade de completá-lo, o que o torna vulnerável para decepções, visto que na sociedade líquida os laços são frouxos e podem ser desatados a qualquer momento.

Nessa perspectiva, recorreremos mais uma vez a Bauman (2004, p.30) quando fala que que ao entrar em um relacionamento com a expectativa de minar inseguranças provindas da solidão, só fará com que os sintomas se acentuem:

Não apenas a relação falha em termos de necessidade que deveria (e esperávamos que pudesse) cumprir, mas torna essa necessidade ainda mais afrontosa exasperante. Você busca o relacionamento na expectativa de mitigar a insegurança que infestou sua solidão; mas o tratamento só fez expandir os sintomas, e agora você talvez se sinta mais inseguro do que antes, ainda que essa “nova insegurança” provenha de outras paragens”.

Posto isso, podemos compreender que não se deve projetar em um relacionamento aquilo que deveria vir de nós mesmos, pois isso só servirá para agravar os problemas já existentes. Além disso, investir todas as suas expectativas no outro é sempre um plano arriscado, visto que, “ao contrário de uma escola pessoal do tipo ‘pegar ou largar’ não está em seu poder evitar que seu parceiro ou parceira prefira sair do negócio” (BAUMAN, 2004, p.30).

Destarte, cabe ressaltar ainda que, o esgarçamento das relações fruto da moderna sociedade líquida pode trazer consequências psicológicas estarrecedoras para os indivíduos, uma vez que a sensação de abandono e exclusão advinda da perecibilidade dos laços afetivos leva ao que chamamos de solidão. A solidão como definida anteriormente, trata-se de uma sensação subjetiva que quando vivenciada em seu aspecto negativo leva a dor e sofrimento psíquico. Nos relacionamentos interpessoais, esse fenômeno psicológico é desencadeado quando há uma ameaça de interrupção da relação ou quando ela é interrompida de fato. (SANTOS; GREGÓRIO; ROSA ,2021).

Segundo Arruda (2019, p.103) esse fenômeno psicológico juntamente com “a ansiedade e o medo de ficar só podem acarretar estratégias de fuga do real. Fugas provisórias de curta, média, ou de longa duração, que surtem um efeito provisório de resolução e superação”. O autor cita como exemplo dessas fugas, a compulsão sexual, o uso de drogas e o consumo de bebidas alcoólicas.

As substâncias lícitas mencionadas acima, atuam no sujeito como uma espécie de anestesia para as dores, aflições e os medos, induzindo, dessa forma, o prazer instantâneo e afastando o desconforto das lembranças desagradáveis. No entanto, o efeito dessas substâncias é passageiro e em pouco tempo o sujeito volta para a realidade caótica e sem perspectivas no qual ele se encontra (ARRUDA, 2019).

3 UMA ANÁLISE DA PERSONAGEM ROSA AMBRÓSIO

Nessa seção trataremos de aspectos relacionados a solidão da personagem Rosa Ambrósio do livro *As horas nuas*, de Lygia Fagundes Telles. Dessa forma, o primeiro subtópico dessa seção está destinada a investigar o modo pelo qual a atriz Rosa Ambrósio lida com o envelhecimento do seu corpo e, conseqüentemente, o arruinamento de sua carreira artística. Já o segundo subtópico, tem como enfoque a análise da solidão da personagem a partir dos seus relacionamentos familiares e amorosos.

3.1 Uma Rosa Despetalada

O livro *As horas nuas* (1999), foi o último Romance publicado pela escritora Contemporânea Lygia Fagundes Telles. A obra é composta por dezoito capítulos, sendo desses, sete ¹ dedicados exclusivamente Rosa Ambrósio, personagem central do romance; seis ² são narrados por Rahul, gato da protagonista; e cinco ³ capítulos apresentam como foco a analista de Rosa, Ananta Medrado.

A história é narrada sob três pontos de vista distintos, em que vemos na narração de Rosa um monólogo interior desordenado, em Rahul uma narração onisciente e em Ananta um narrador observador em terceira pessoa. Ressaltemos, no entanto, que embora o enredo seja fragmentado, os capítulos se correlacionam entre si e nos ajudam a entender os fatos da vida desregrada e solitária de Rosa Ambrósio.

A protagonista da narrativa, é uma ex-atriz de teatro alcoólatra e decadente que no auge dos seus 58 anos, faz um balanço de sua vida, amores, fracassos e perdas; na tentativa de buscar, por meio da rememoração de suas lembranças, as respostas que expliquem a sua atual situação de abandono e solidão. Nessa perspectiva, o primeiro capítulo do livro, já se inicia nos mostrando uma mulher melancólica, solitária e alcoólatra:

Entro no quarto escuro, não acendo a luz, quero o escuro. Tropeço no macio, desabo em cima dessa coisa, ah! Meu Pai. A mania da Dionísia largar as trouxas de roupa suja no meio do caminho. Está bem, querida, roupa que eu sujei e que você vai lavar, reconheço, você trabalha muito, não existe

¹ Capítulos (1,3,8,12,13,15 e 16).

² Capítulos (2,4,7,9,10 e 11).

³ Capítulos (5, 6, 14, 17 e 18).

devoção igual, mas agora dá licença? Eu quero ficar assim quietinha com a minha garrafa, Ô! delícia beber sem testemunhas, algodoadada no chão feito astronauta no espaço, a nave desligada, tudo desligado. Invisível. (TELLES, 1999, p.9).

Essas são as primeiras falas de Rosa Ambrósio na narrativa, em que o leitor pode observar o estado da personagem, alguém totalmente embriagada que deseja, sobretudo, a escuridão, onde é impossível ver os outros e a si mesmo. A velha atriz apresenta dificuldades em aceitar que envelheceu, e por isso, só aceita olhar-se em suas memórias, onde sempre estará jovem e bonita: “Éramos jovens e só os jovens se encaram com o riso secreto que ninguém entende, testemunhas um do outro, e apenas isso, me via nele como um espelho. Posso começar minhas memórias[...]” (TELLES, 1999, p.10).

Segundo Pitanga (2006, p.119) “Quando o idoso não se reconhece na sua imagem, talvez permaneça fixado a um tempo passado, não aceitando o presente, o que é hoje”. Percebe-se na narrativa Iyigiana que é justamente isso o que acontece com a personagem Rosa Ambrósio, ela não aceita e nem se reconhece no seu atual momento, uma mulher abatida, enrugada, decadente profissional e fisicamente; a imagem que ela venera é a do passado por tudo que ele representa: beleza, juventude, sucesso, amores, fama, admiração, aplausos, viagens e festas.

Nesse sentido, vale ressaltar que a aversão da atriz em relação ao processo de envelhecimento também se mostra através da substituição feita por ela da palavra velhice por idade da madureza, conforme podemos observar: “velhice, ô! meu Pai, que palavra ignóbil. Prefiro falar em madureza. Idade da madureza” (TELLES, 1999, p.12).

Rosa Ambrósio tem consciência que está perdendo a beleza e a juventude e que seu maior medo, a velhice, se aproxima: “— Diogo, estou com medo, fico salivando de medo como um bicho que vai indo e sente a cobra adiante, esperando. Fiquei minha inimiga” (TELLES, 1999, p. 113). A atriz se vê como inimiga de si mesma porque seu corpo, apontado como traidor, está em decadência e já não apresenta o viço de outrora.

Desse modo, na tentativa diária de esconder as marcas do envelhecimento em seu corpo, a protagonista recorre a procedimentos estéticos de beleza, que vão desde a aplicação de cremes anti-idade em seu rosto ao tingimento dos cabelos e pelos

pubianos. A cena é testemunhada por Rahul e descrita por ele como uma sensualidade cômica e grotesca:

Não sei por que esses bandidos tinham que nascer brancos, resmungou ela. Já estava de luvas quando mergulhou mais uma vez a escova na tinta do copo. Inclinou-se para a frente. Abriu as pernas e bem devagar foi passando a tinta nos pelos do púbis. Com a mão livre abriu a caixa rosada no tampo de mármore e dela tirou um lenço de papel para limpar o fio de tinta negra que lhe escorria pela coxa, Ô! meu Pai! [...] Pelo amor de Deus, repetiu e desviou o olhar para as luvas enxovalhadas, abertas no mármore. Calçou de novo as luvas e afundou devagar a escova na tinta do copo. Começou a retocar os cabelos grisalhos das têmporas. Sujou a orelha, limpou-a. Estava triste (TELLES, 1999, p.33-34).

A personagem do referido romance foi criada em uma sociedade completamente machista que sempre estereotipou o corpo feminino e colocou sobre ele o mito da eterna juventude que atribui valor a mulher apenas enquanto ela é jovem e bonita. Em pleno século XXI, essas ideologias machistas ainda se mostram preponderantes, uma vez que os cabelos grisalhos no homem simbolizam charme e maturidade e na mulher passam a imagem de desleixo, decadência e velhice. Nessa perspectiva, a tintura dos fios brancos é para rosa uma vaidade necessária que tem o intuito de mostrar para a sociedade que ela ainda não envelheceu.

Essa tarefa, conforme ressalta Rahul, poderia ser facilmente realizada por uma especialista em estética ou por um cabeleireiro, porém a atriz preocupa-se em não se expor, tendo em vista a sua necessidade de parecer mais jovem diante do olhar alheio:

Podia fazer essa tintura no cabeleireiro, seria mais simples. Mas se preocupa em não se entregar, elegeu as poucas pessoas nas quais confia e no círculo hermético entra este gato. Tem ainda a tintura dos pelos íntimos, vai precisar prosseguir nessa operação que detesta até o seu íntimo fim. (TELLES, 1999, p.36).

Segundo Simone de Beauvoir (1970, p.5) “a velhice surge os olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso, do qual é indecente falar”. Esse pensamento também é compartilhado por Rosa Ambrósio que em uma conversa com sua amiga Lili recusa um convite para um cruzeiro marítimo com a justificativa de que “não é bom ficar exibindo a velhice nessas viagens, porque a velhice é obscena [...]” (TELLES, 1999, p.46-47).

Na narrativa, é possível observar que a dificuldade de Rosa em aceitar o inevitável processo de envelhecimento não se dá apenas por conta da degradação

física do seu corpo, mas também porque esse processo acaba sendo sinônimo de acúmulo de perdas principalmente, o arruinamento de sua carreira artística: “A gente vai perdendo uma coisa atrás da outra, primeiro, a inocência, tanto fervor. A confiança e a esperança. Os dentes e a paciência, cabelos e casas, dedos e anéis, gentes e pentes-todo um mundo de coisas sumindo no sorvedouro, ô meu pai tantas perdas” (TELLES, 1999, p.41).

Outro fator que incomoda a atriz é em relação ao preconceito advindo da sociedade para com as pessoas que envelhecem, segundo ela, o que a deprime não é a idade, mas sim a limitação de trabalho que o envelhecimento ocasiona: “Não é a idade que deprime, é o preconceito. A limitação de trabalho”. (TELLES, 1999, p.112). Nesse sentido, Ceppelos (2021) afirma que as barreiras enfrentadas pelas mulheres mais velhas em busca de inserção no mercado de trabalho não estão relacionadas apenas a idade cronológica, mas também ao declínio da aparência que já não apresenta o frescor e vitalidade cobradas pela sociedade de consumo. Desse modo, para a atriz, o avançar da idade não significou apenas a decadência física do seu corpo, mas também a de sua carreira como atriz de teatro, uma vez que nessa profissão o que mais vale é a beleza e vitalidade dos corpos. Portanto, em determinado momento da narrativa, a personagem envelhecida e longe dos holofotes, sente-se traída e abandonada por todos:

Foram todos embora, os desertores. Se Gregório tivesse ficado, quem sabe a Cordélia. Não ficou. Nuvens. Eu disse que as mulheres vivem conspirando como as nuvens, se juntam e conspiram. Mas vem o vento e desfaz tudo, carrega as nuvens para longe, hem?! Conspiração de nuvens. Mas nem sempre as nuvens se dispersam, disse Ananta. Caem as chuvas, espero uma tempestade (TELLES, 1999, p.51).

Vale salientar, no entanto, que as experiências de abandono e solidão vivenciadas pela personagem no presente da narrativa, foram consequências das escolhas que ela fez no passado, uma vez que ao se dedicar inteiramente a sua carreira artística, ela acabou por relegar sua família a um plano inferior, afastando-se do marido, Gregório e sendo ausente na criação da filha.

A relação de Rosa Ambrósio com sua filha Cordélia é conturbada e preconceituosa, uma vez que a atriz não aceita as escolhas da filha, principalmente, as que se referem ao envolvimento com homens mais velhos:

Em que falhei, meu Deus, me diga agora em que falhei! Adora velhos, todos velhos. Impotentes, velhos. E velho impotente só pensa em porcária, hem?!...[...] a verdade é que eu queria apenas uma filha normal — será pedir muito? Podia ser livre, podia morar longe com sua tropa de amantes, aceito. Mas não precisava ser uma tropa de velhos. (TELLES, 1999, p.36)

Para a personagem Rosa Ambrósio, a velhice é repugnante, e ao relacionar-se com homens velhos, a filha está, portanto, desperdiçando sua juventude com pessoas inúteis que já não tem nada a oferecer. Esse pensamento da protagonista de “*As horas nuas*”, vai ao encontro dos postulados de Lasch que em seu livro “*A cultura do narcisismo*” (1983) pontua que a sociedade moderna, totalmente refém de ideologias narcísicas, venera o corpo belo e jovem e caracteriza o sujeito idoso, que já não apresenta nenhuma dessas características, como decadente, inútil e ultrapassado que já não tem serventia para a sociedade.

Outro ponto que incomoda a atriz, diz respeito ao fato de sua filha, uma mulher jovem e bonita, se relacionar com homens mais velhos e não sofrer nenhum tipo de julgamento; enquanto, se a situação fosse inversa, e ela, uma quase sexagenária, assumisse o seu relacionamento publicamente com o jovem Diogo, isso a tornaria, automaticamente, alvo de julgamentos e preconceitos advindos da sociedade. Rosa Ambrósio chega, inclusive, a questionar Ananta, sua analista, o porquê o relacionamento de um homem mais velho com uma moça mais jovem não assusta e é visto com naturalidade perante a sociedade, enquanto o relacionamento de uma mulher mais velha com um rapaz mais jovem incomoda e gera olhares de desaprovação: “Diogo tem trinta e quatro anos presumíveis Cordélia é mais moça. Faz diferença porque sou mulher, hem?! (TELLES, 1999, p.22). Vemos, nesse caso, a presença do machismo, uma vez que uma mulher é julgada e condenada ao relacionar-se com uma pessoa mais jovem que ela, porém, nessa mesma situação, um homem é tido como um eterno Don Juan sem sofrer preconceitos sociais que visam seus relacionamentos amorosos.

Além disso, a atriz Rosa Ambrósio tem inveja da juventude da sua primogênita e do bom relacionamento da filha com o pai: “Estou ficando velha e me ralo de inveja dos jovens que vêm cobrindo tudo feito um caudal espumante, o ralador da inveja rala mais fundo do que o ralador de queijo. Inveja de Ananta, inveja de Cordélia — também de Cordélia? É claro, inveja de minha filha” (TELLES, 1999, p.22).

Rosa, sente-se traída por Cordélia, uma vez que além de não se encaixar no modelo de filha que que a atriz desejava, ela ainda tem admiração por velhos e pobres, coisas que segundo Rosa, são abomináveis.

3.2 Rosa Ambrósio: a solidão a partir das relações familiares conturbadas

Somos seres essencialmente sociais e por isso necessitamos do contato com o outro. Por outro lado, quando há ausência de interações significativas e conseqüentemente, escassez de afeto, é normal que surja no indivíduo sentimentos de tristeza, solidão e desamparo. No entanto, quando esses sintomas persistem por muito tempo, e começam a interferir no dia a dia das pessoas, a solidão passa então a tornar-se uma questão com que se preocupar. Posto isso, nos propusemos nesse tópico a analisar como a relação conturbada da personagem Rosa Ambrósio com seus familiares contribuiu com o desenvolvimento do seu quadro de solidão.

É perceptível na narrativa que a velha atriz foi uma pessoa muito machucada pela vida, ainda na infância sofreu o abandono do seu pai, um funcionário público que saiu para comprar cigarros e nunca mais voltou. Essa informação nos é revelada através de uma das divagações de Rosa, no qual ela lembra de uma conversa que teve com sua mãe:

Você é corajosa, mas eu sou parecida com o pai, ele não era frágil? Quando dizia uma coisa, lembra? visivelmente estava pensando em outra. Um espanto ter cumprido sua última decisão, saiu e não voltou. Parecia despreocupado, chegou a assobiar quando disse que ia comprar cigarros, por acaso eu não queria nada da rua? Não ia demorar porque pastel frio não tem a menor graça, você fritava pastéis. Os pastéis esfriaram. Nós duas esfriamos enquanto você repetia que é preciso às vezes ficar sem ação, esperando. (TELLES, 1999, p.)

O abandono do pai na infância, foi a primeira grande perda sofrida por Rosa Ambrósio. Esse abandono, de certa forma, acabou fragilizando a personagem e corroborando com a sua experiência de solidão na fase adulta. Em consonância a esse pensamento, Zanoni (2015) pontua que os comportamentos e manifestações relacionados a solidão podem estar intimamente ligados as experiências vivenciadas pelos indivíduos no período da infância, tais como abandono, rejeição, isolamento social ou contato físico e amor insatisfatório. A autora complementa a ideia afirmando que como o crescimento possibilita um processo de reconhecimento da própria

identidade; experiências de abandono e rejeição poderão impactar negativamente na forma com que os indivíduos irão se relacionar com os outros e com a solidão na fase adulta.

Em outro momento da narrativa, descobrimos que a jovem personagem naquele período conhecida como Rosinha com seus quinze ou dezesseis anos sofre outra grande perda, a morte do seu primeiro e grande amor, o primo Miguel:

Tia Lucinda? A senhora está aí?... Miguel?... Posso entrar? perguntei num sussurro e não veio resposta. A porta do quarto entreaberta. Miguel?!... chamei e empurrei a porta. Ali estava tia Lucinda sentada na cama com o Miguel nos braços. Ali estava ela no seu longo roupão de lã branca, os cabelos desfeitos, esvoaçantes, a cara branca, o olhar ausente. Fazia um ligeiro movimento de cadeira de balanço como se embalasse o filho que dormia. [...] Tia, eu posso ajudar? perguntei baixinho. Ela voltou para mim o olhar que parecia não me ver, ia além. Além. Não respondeu, continuou no seu brando movimento de cadeira de balanço, as pontas dos dedos de Miguel roçando o tapete. Recuei com o sentimento de que estava apenas diante de um quadro, a cena não era real, aquilo era um quadro muito antigo, antiquíssimo com a Virgem e o Cristo morto (TELLES, 1999, p.219).

Rosinha encontra o primo pelo qual é apaixonada morto nos braços de sua tia, decorrente de uma overdose de cocaína. A cena é descrita pela personagem como um quadro idílico que se assemelhava a imagem da virgem com cristo morto em seus braços. Esse trecho tem relevância para nosso trabalho, uma vez que o trauma da morte de Miguel, como veremos no decorrer dessa monografia, impactou drasticamente na vida de Rosa Ambrósio e influenciou nas escolhas que ela fez que, de certa forma, contribuíram com a situação solitária da personagem no presente da narrativa. Ao longo de todo romance, fica evidente que Rosa nunca conseguiu superar a dor da morte do primo e sempre procurou incessantemente sua imagem em outros homens, deparando-se, por vezes, nessa busca, com relações monótonas e abusivas.

Ainda envolvidos nas lembranças de Rosa, deparamo-nos com a mãe da personagem, no mesmo dia que ela perdeu seu primeiro e grande amor, pedindo-a que comparecesse ao casamento da prima flora com o intuito de ocultar à tragédia do restante da família e, desse modo, não estragar a felicidade da noiva:

A gente não pode deixar que sua priminha justo no dia do seu casamento, ah, é triste demais, a festa suspensa, já pensou? Ela não merece isso, não merece não. Ele está morto, querida. Nada pode mudar essa tragédia. Queria então que você engolisse o choro e fosse ao casamento como se nada tivesse acontecido, entendeu? (TELLES, 1999, p.223).

Para a menina Rosinha, que já sonhava com a carreira teatral, esse seria o seu primeiro papel importante: representar uma menina feliz, mesmo estando dilacerada por dentro. Dessa forma, Rosinha fez o que sua mãe lhe sugeriu, engoliu o choro, disfarçou a dor e compareceu à cerimônia de casamento da prima. Chegando lá, mesmo estando cercada de inúmeras pessoas, a personagem sentiu-se só e desamparada, sua mente estava apenas em Miguel e no seu corpo estendido sem vida nos braços de tia Lucinda. A dor da solidão que Rosa sentia naquele momento era enorme e, nenhuma daquelas pessoas que ali estavam seriam capazes de preenchê-la. Nesse sentido, vale esclarecer que o estar só é diferente do sentir-se só; enquanto o primeiro diz respeito a ausência de convivência com outras pessoas que não necessariamente causam solidão, o segundo, por sua vez, está relacionado a uma sensação subjetiva que gera dor e sofrimento psíquico causada, sobretudo, pela falta de relacionamentos pessoais significativos ou como no caso de nossa personagem, pela perda de um ente querido (ANGERAMI-CAMON, 1990).

Na festa do referido casamento, como uma maneira de anestesiá-la diante da dor que estava sentindo pela perda do seu primo/namorado, Rosa embriaga-se, literalmente, pela primeira vez, dando início, dessa forma, ao seu vício em bebidas alcoólicas. Conforme Arruda (2019) o álcool atua no sujeito como uma espécie de anestesia para as dores, aflições e os medos, induzindo o prazer instantâneo e afastando o desconforto das lembranças desagradáveis. Sendo assim, a entrega ao álcool foi para jovem personagem, uma espécie de fuga temporária da desagradável solidão que ela estava sentindo pela partida de Miguel.

Destarte a isso, cabe ressaltar também que no mesmo dia que Rosa perde Miguel, ela se atira nos braços de outro rapaz, o até então desconhecido, Gregório:

Que festa! exclamei e abri os braços ao moço que se inclinou para mim. Esvaziei a taça. — Não danço bem, menina. Mas se quiser correr o risco... Avancei para ele, vacilante. Estou tonta, tonta, fui repetindo, a cabeça apoiada no seu ombro. Mas quero dançar, me leva?... Ele arrefeceu o ritmo nas primeiras voltas e me enlaçando ainda foi me conduzindo até a poltrona. Fechei os olhos. Adeus, Miguel. Onde você estiver não se esqueça que eu te amo. Então, está melhor? Ele apanhou o brinco que caiu na poltrona, pediu licença para prendê-lo na minha orelha e sugeriu que eu devia comer alguma coisa, ia buscar o meu prato. Antes, se inclinou e disse que se chamava Gregório. (TELLES, 1999, p.223).

Miguel foi a primeira decepção/perda amorosa de Rosa Ambrósio, o responsável por tirá-la da inocência e jogá-la no mundo difícil que é a realidade. Desse

modo, a abordagem amorosa feita pela protagonista a outro homem, pode ser interpretada como uma maneira que ela encontrou de preencher o vazio da solidão deixado pela morte do primo e, também, de certa forma, vingar-se dele por tê-la trocado pelos prazeres da droga. Assim, após a morte de Miguel, Rosa vê Gregório como um possível substituto do primo, aquele que seria, para ela, a tábua de salvação dos seus sonhos, a saber, casar e ser uma grande atriz de teatro.

Na narrativa, Gregório é apresentado como homem bom, inteligente, silencioso e tranquilo que oferecia, sobretudo, uma espécie de suporte para Rosa, principalmente, em seus momentos de crise:

Recorria à Gregório nas suas crises místicas, quando se sentia abandonada por Deus e traída pelo próprio ofício ao qual dera o melhor de si mesma, gostava de repetir, Dei ao teatro o melhor de mim mesma! Era ainda Gregório que ouvia as queixas maiores pela traição de Cordélia, o avesso do modelo da filha que vem para acrescentar e não para diminuir. Nessas crises, ele era a rocha onde ela ia se estirar exausta. Exausta e esvaída, repetia muito isso. Na intimidade, dizia-se esbagaçada. Lamentando o silêncio desse sábio que a reconfortava com monossílabos. (TELLES, 1999, p.34)

O casamento entre os dois seguiu tranquilo por um tempo, segundo a protagonista, ela foi “quase feliz” com Gregório e teve um relacionamento quase perfeito com ele:

Acho que nunca discuti com Gregório. Posso urrar, me descabelar, rasgar as vestes como nas tragédias e ele vem, me levanta, passa mercurocromo nos arranhões, enxuga minhas lágrimas. Mas não se exalta. Conversa comigo tão baixo que acabo falando como ele, nós dois murmurantes. Quando eu fazia. Quem tem medo? justo nessa época o nosso relacionamento foi quase perfeito, eu tinha horror de imaginar que por minha culpa se repetisse lá fora o clima podre da peça. (TELLES, 1999, p.112).

Nesse trecho, destaca-se o uso da palavra “quase”, o que significa que faltou alguma coisa para a relação dos dois ser perfeita, de fato, talvez, tenha sido a falta de Diálogo. Além disso, percebe-se também na narrativa que embora Gregório oferecesse uma espécie de conforto e segurança para Rosa, principalmente em suas ‘crises místicas’, não havia entre eles o sentimento de paixão. Com o passar dos anos, o distanciamento entre o casal se acentuou ainda mais, e eles passaram a viver uma solidão a dois, conviviam na mesma casa, porém dormiam em cômodos separados. Essa relação monótona e rotineira com o marido, que se estendeu por mais de trinta anos, já não satisfazia mais a atriz, que estava sempre em busca novas emoções para

sua vida. Desse modo, solitária e infeliz em seu casamento, Rosa deixa-se seduzir pelos encantos do seu jovem secretário, Diogo Torquato:

Diogo Torquato Nave, meu secretário, eu apresentava. E os homens e as mulheres olhavam para ele com respeito porque a beleza exige respeito. Bombons, gracejos, flores. Foi me conquistando sem pressa, encomendação do corpo e conquista de mulher madura tem que ser devagar, ouviu, padre? Se possível, com certo romantismo, ele sentiu meu constrangimento, esta brutal diferença de idade, eu disse brutal? (TELLES, 1999, p.13).

Nessa perspectiva, cabe enfatizar que a relação entre Rosa e Diogo era pautada na conveniência, ou seja, ela bancava as extravagâncias do amante, e ele, por outro lado, oferecia seu “amor” nada desinteressado que supria as carências da atriz: “Cedeu quando lhe dei o Porsche. Você está me comprando, disse e fez a mudança. Veio com sua beleza, sua música” (TELLES, 1999, p.156). Dessa forma, podemos caracterizar a relação dos dois, como uma relação líquida, isto é, sua duração dependerá da vantagem ou da satisfação que ela trará para os cônjuges (BAUMAN, 2004).

No entanto, embora fosse uma relação pautada em interesses, era com Diogo que Rosa sentia-se amada e segura contra o sentimento de solidão que insistia em lhe afligir. Além disso, como afirma a própria protagonista, em diversos momentos da narrativa, o simples fato de estar com o amante a fazia rejuvenescer: “Vinha tão bonito e tão alegre. Mesmo quando me chamava de velha me fazia sentir jovem outra vez, não é uma loucura? Isso tudo, a contradição, até nas agressões a gente se entendia, éramos parecidos” (TELLES, 1999, p.42).

Já com o foco narrativo de Rahul temos um olhar mais crítico acerca do relacionamento extraconjugal da atriz com seu amante, conforme descreve o gato da protagonista no excerto a seguir, a relação dos dois era conflituosa, as brigas eram frequentes e evoluíam rapidamente para tapas, empurrões e terminavam em sexo:

começavam mais ou menos assim as discussões entre os dois. E que podiam evoluir rapidamente para os palavrões entremeados de empurrões. Tapas ou ter o desfecho na cama. Os tapas vinham de Rosona, ele apenas se defendia agarrando-a pelos pulsos até vê-la sucumbida, desfeita em lágrimas. Por que não bateu em mim? Você devia bater em mim! ela choramingou numa das brigas mais violentas. Ele preparou-lhe um uísque com uma calma fatigada. Não queria fazer de mim o chicote para as suas culpas. (TELLES, 1999, p.29-30)

Com o falecimento de Gregório, a relação entre Rosa e Diogo se altera, e ele, que antes era apenas um subordinado na vida da atriz, começa a ditar regras, inclusive no modo como ela se comportava e se vestia:

Diogo não permitia que ela deixasse as unhas longas. Mãos de Mandarim só na China dos Mandarins! Proibiu também que usasse esmalte de cor forte, então não percebia? eram sempre as mãos as deladoras, por que chamar a atenção dos outros para essas mãos? Tom de verniz rosa-antigo para uma rosa-antiga (TELLES, 1999, P.98-99).

Não estou deslumbrante? perguntou ao se aprontar para a última noite do ano, iam a uma festa. Diogo examinou-a com o olhar gelado: O que significa isso, Rosona? Está parecendo uma piranha com essa purpurina azul nos olhos, tira a purpurina! E menos joias, pode tirar o broche e esta pulseira. (TELLES, 1999, p.131-132)

Nessa perspectiva, percebe-se a importância da narração do gato, uma vez que a atriz seria incapaz de descer tão baixo para narrar as humilhações que sofria do amante. Segundo a própria Rosa, embora Diogo a maltratasse as vezes, ele era o único que poderia ajudá-la a vencer sua luta contra a solidão:

Se eu caía ele me levantava, mas com humor. O humor, Rosona, não perder o humor! Disse ainda, preciso de você para me ver melhor nas minhas fraquezas. Aceitei ser seu espelho deformante, mas nele me via perfeita. Embora me agredisse às vezes, era esse espelho que alimentava a minha fé (TELLES, 1999, p.108).

Dentro desse contexto, Brum (2020, p.19) afirma que “o medo da solidão faz com que muitas pessoas tolerem comportamentos que variam de desatenções simples e esporádicas por parte do seu parceiro a insultos e ofensas repetitivas, incluindo agressões físicas”. Dessa forma, entendemos que foi justamente isto: o medo de ficar sozinha e ter que lidar conseqüentemente com a solidão, que fez com que Rosa Ambrósio, tolerasse as loucuras, humilhações e agressões do seu secretário e amante, Diogo.

No entanto, vale destacar também que a relação dos dois não durou muito, principalmente, quando Rosa ficou viúva e Diogo passou a traí-la com mulheres mais jovens, o que despertava na atriz ciúmes e inseguranças:

A música forte, ruídos fortes, sou jovem! me avisava. Já sei disso, eu respondia, você é livre, da minha parte, nenhuma interferência. E da minha parte só interfeiri, me segurei um pouco enquanto o Gregório — enfim, enquanto ele estava por perto consegui me conter, fiquei nojenta depois. Diogo então começou com a dissimulação, não queria me ferir, o pobrezinho, tentou me poupar, esmerou-se nas encenações, às vezes batia a porta,

acabei de sair! E ficava fechado com a putinha, podia ser até que estivessem só conversando, bebendo, mas tudo escondido, um pouco de respeito pela velha aí em cima. Rua, eu disse. Todo o ouro do mundo não vale o prazer que me dava a sua simples presença (TELLES, 1999, p.47).

No fragmento acima, percebe-se que Rosa Ambrósio por ciúmes expulsa o amante de sua vida, porém, logo após arrepende-se e clama por sua volta: “Ô meu Pai! se ele voltasse. Não vai mais voltar? Se ele voltasse eu voltaria. A viver, querida”. (TELLES, 1999, p.107). Esse trecho, evidencia, sobretudo, a codependência que Rosa tem para com Diogo, uma vez que a atriz coloca sobre o amante a responsabilidade de induzi-la a voltar a ‘viver’, pois, sozinha, ela acredita ser incapaz.

Conforme observa o gato Rahul, desde que Diogo foi embora, Rosa Ambrósio entregou-se a uma solidão profunda, isolou-se do mundo e deixou até de fazer os procedimentos rotineiros de beleza que ela tanto se dedicava: “Quando ele foi embora[...]. Deixou de sair. De telefonar, ela que vivia dependurada no telefone. Raramente ligava para a filha. Para a amiga, essa Lili que a fazia rir. Os banhos mais raros. Menos creme no corpo que caiu em desgraça” (TELLES, 1999, p.99). Com o abandono do amante, Rosa sente-se que perdeu o sentido de sua existência e entrou, dessa forma, em uma espécie de luto profundo ocasionado, sobretudo, pelo fracasso de suas relações amorosas. Dentro dessa perspectiva de “luto” pela perda do objeto amado, Freud em seu livro *Os instintos e suas vicissitudes* (1987) pontua:

O luto profundo, a reação à perda de alguém que se ama, encerra o mesmo estado de espírito penoso, a mesma perda de interesse pelo mundo externo - na medida em que este não evoca esse alguém -, a mesma perda da capacidade de adotar um novo objeto de amor (o que significaria substituí-lo) e o mesmo afastamento de toda e qualquer atividade que não esteja ligada a pensamentos sobre ele (p. 143).

Durante toda a narrativa, é exaltado o desejo da atriz em reconstruir o seu relacionamento com Diogo, uma vez que para ela, a simples presença do amante garantiria sua luta contra a solidão. Dessa forma, Rosa Ambrósio em seu desespero chega, inclusive, a almejar perdoar as traições do amante e continuar bancando seu estilo de vida burguês apenas em troca de sua companhia: “[...] deite-se com suas meninas de peitinhos duros e bundinha dura que prometo não interferir mais, quero apenas a sua companhia, entendeu, Diogo? A sua fala, o seu riso, a sua graça. A sua música e a sua angústia [...]” (TELLES, 1999, p. 199). Portanto, observa-se na narração de Rosa, uma mulher totalmente fragilizada emocionalmente que tenta a

todo custo fugir da insuportável solidão que lhe aflige, propondo, inclusive, abdicar da fidelidade do amante para mantê-lo por perto.

Enquanto o amante não retorna, Rosa vive confinada em um apartamento de luxo entregando-se esporadicamente ao álcool para compensar suas perdas: “àquela altura não sei o que podia fazer senão beber, Gregório já tinha ido embora, acho mórbido dizer que ele morreu, ele foi embora e pronto. Diogo, esse foi embora andando” (TELLES, 1999, p. 11). Essa situação de solidão e bebedeira só se altera quando Rosa recebe um telefonema de Diogo que automaticamente a enche de coragem e esperança para encarar seus medos, fazer as pazes com seu corpo e gravar suas memórias que posteriormente planeja transformar em uma autobiografia.

Segundo Quinodoz (1993, p.24) “sentir a dor de nossa solidão nos faz tomar consciência de que existimos como seres únicos em relação aos outros, e que os outros são diferentes de nós”. Desse modo, entende-se, que para Rosa, a solidão não se apresentou apenas em seu aspecto negativo, pelo contrário, os momentos consigo mesmo proporcionaram-na reflexão, autoconhecimento e oportunidade de renascer e trilhar um novo rumo para a sua vida.

O desfecho do livro mostra, uma mulher que passou tanto tempo fugindo dos seus medos e escondendo-se em suas mentiras, tirando suas máscaras, e encarando a realidade. Rosa decide, então, após um longo tempo reclusa em seu apartamento, sair da solidão que estava imersa e dar um novo rumo para sua vida; começa a gravar suas memórias, com o intuito de colocar sua vida a limpo, porém não conclui, opta por internar-se voluntariamente em uma clínica de recuperação de alcoólatras, para assim, poder voltar em grande estilo aos palcos, lugar esse, que segundo a protagonista, sempre a fez sentir-se feliz e completa.

Como podemos ver, a solidão causa no ser humano diversos mal-estares que estão relacionados as sensações de angústia, tristeza e desânimo que se prolongados por muito tempo podem levar ao surgimento de psicopatologias mais graves como ansiedade e depressão. Além disso, um quadro de solidão pode ser desencadeado por inúmeros fatores que vão desde a abandono familiar, morte de pessoas próximas, ou fracasso nas relações amorosas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a representação da solidão na personagem Rosa Ambrósio do livro *As horas nuas* (1999), de Lygia Fagundes Telles. A escrita da autora é caracterizada, sobretudo, por apresentar um caráter intimista ao qual ela vai abordando sutilmente a condição do sujeito pós-moderno em contato com a sociedade em que ele está inserido. À vista disso, ao estudarmos a obra literária a partir de uma temática que ainda é vista como ‘frescura’ perante a sociedade, entendemos o exercício necessário que foi esta pesquisa.

Dessa forma, esperamos que este trabalho amplie os estudos sobre as narrativas de Lygia Fagundes Telles, visto que *As horas nuas* (1999) revela em sua conjuntura uma diversidade de temáticas sociais e existenciais que urgem ser investigadas. Além disso, também aspiramos que este trabalho possibilite a expansão dos estudos da literatura contemporânea brasileira, principalmente no que se refere aos efeitos da solidão na vida dos indivíduos. Logo, observamos na obra, através da construção da protagonista Rosa Ambrósio, reflexões acerca da natureza humana no que diz respeito ao sofrimento psíquico causado pelo abandono e pela solidão.

Sendo assim, a partir da análise foi possível constatar que a solidão da personagem Rosa Ambrósio foi construída a partir de uma sucessão de eventos traumatizantes, a começar pelo abandono por parte de seu pai, que ela tinha uma enorme admiração, a partida também de Miguel (primo/namorado de Rosa na adolescência) e Gregório (o marido) ambos por via da morte; o abandono de sua filha Cordélia que foi embora da casa da mãe para se envolver com homens mais velhos, e por último, e mais doloroso, o afastamento de Diogo (o amante) que depois de uma forte discussão com a atriz foi embora e não mais voltou.

Outro fator que corroborou com a solidão da personagem está relacionado à velhice do seu corpo que já não apresenta o frescor e a vitalidade da juventude, fazendo, inclusive, com que ela perca diversos trabalhos teatrais que presam a estereotipação do corpo feminino. Em vista disso, a atriz sente-se traída e violentada pelo tempo, uma vez que ele levou tudo que ela mais amava: amores, fama, beleza e juventude.

Ao longo da análise foi possível elucidar também que a condição solitária da personagem, desencadeada, sobretudo, pela perecibilidade de suas relações afetivas, foi consequência das escolhas que ela fez no passado, uma vez que ao

priorizar unicamente a sua carreira artística, a atriz acabou por relegar sua família a um plano inferior perdendo, dessa forma, o contato com seus integrantes. Sozinha e envelhecida, Rosa se agarra ao álcool e as lembranças para fugir da realidade caótica e sem realizações que ela se encontra.

O vício em bebidas alcoólicas, como já mencionado nesta monografia, teve origem a partir da perda do primeiro e grande amor da atriz, Miguel. O primo devasso e drogado que Rosa foi apaixonada na adolescência e que morreu de forma trágica decorrente de uma overdose de cocaína. A partir desse acontecimento, Rosa passou a se importar apenas com a sua carreira artística, fazendo escolhas que trouxeram consequências estarrecedoras em sua velhice. Por fim, vimos também que a solidão da personagem Rosa Ambrósio se apresentou tanto no aspecto negativo lhe causando dor e sofrimento psíquico quanto no positivo, sendo fonte promotora de fortalecimento.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMON, Valdemar A. **Solidão**: a ausência do outro. São Paulo: Pioneira, 1990.

ARRUDA, Daniel Péricles. Amor leve: sobre a necessidade de vínculos humanos. **REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS**, v. 2, n. 22, pág. 90-106, 2019.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. RJ: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**. A Experiência Vivida. V. 2, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BEAUVOIER, Simone. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Editora Companhia das Letras, 1982.

BORGES, Kelio Junior Santana. **A Solidão Dionisíaca na Obra de Lygia Fagundes Telles**. **Revista Alere**, v. 18, n. 2, p. 305-326, 2018.

BRUM, Ângela. **Dependência emocional nas relações conjugais**. 2020.

CACIOPPO, John Terrence; PATRICK, William. **Solidão**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CEPELLOS, VANESSA. **Feminização do envelhecimento: um fenômeno multifacetado muito além dos números**. **Revista de Administração de Empresas**, v. 61, 2021.

DORNELAS, K. C. A., & Garcia, A. (2006). **O relacionamento entre mãe e filha adulta: um estudo descritivo**. *Interação (Curitiba)*, 10, 333-344.

FRAZÃO, Dilva. Biografia de Lygia Fagundes Telles. E biografia, 2019. Disponível em: < https://www.ebiografia.com/lygia_fagundes_telles/>. Acesso em: 12 de janeiro 2023.

FERRAZ, Kátia D'armas. **A solidão do sujeito contemporâneo**: um olhar clínico. Gravataí: ULBRA, 2006.

FREUD, S. **Os instintos e suas vicissitudes** (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud). A história do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos, Vol. 14). Rio Janeiro: Imago.

1987. (Originalmente publicado em 1915). Disponível em <<http://conexoesclinicas.com.br/wp-content/uploads/2015/01/freud-sigmund-obras-completas-imago-vol-14-1914-1916.pdf>>. Acesso em 07 março 2023.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização (1930)**. Cienbook, 2020.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana em uma era de expectativas decrescentes**. Tradução: Ernani Pavaneli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles; CHARLES, Sébastien. **Os tempos hipermodernos**. Tradução: Mário Vilela. São Paulo: Barcarolla. (Trabalho original publicado em 2004.)

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1979.

PEREIRA, Maria do Rosário de. **Representação do corpo feminino na literatura**. 2008.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe; TAMAYO Álvaro. **Conceituação e definição de solidão**. *Rev. de Psicologia*, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 29-37, jan./jun. 1984.

PITANGA, Danielle de Andrade. **Velhice na cultura contemporânea**. 2006.
QUINODOZ, Jean Michel. **A solidão domesticada: a angústia de separação em psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RODRIGUES, Ricardo Moreira. Solidão, um fator de risco. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, v. 34, n. 5, p. 334-338, 2018.

SANTOS, Joyce Duailibe Laignier Barbosa; GREGÓRIO, Stéfanie Rhoden; ROSA, Carlos Mendes. **A solidão na contemporaneidade: uma reflexão sobre as relações sociais**. *PerCursos*, Florianópolis, v. 22, n. 49, p. 316-339, maio/ago.2021.

SÁ, Roberto Novaes de; MATTAR, Cristine Monteiro; RODRIGUES, Joelson Tavares. Solidão e relações afetivas na era da técnica. *Revista do Departamento de Psicologia. UFF*, v. 18, p. 111-124, 2006.

SIQUEIRA, Vinicius. **Interpretando os linchamentos populares com Bauman**. Colunas tortas, 2014. Disponível em: <<https://colunastortas.com.br/interpretando-os-linchamentos-populares-com-bauman/>>. Acesso em 16 fevereiro 2023.

TELLES, Lygia Fagundes. **As horas nuas**. 4a. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

WEISS, R. S. (1973). **The experience of emotional and social isolation**. Cambridge: MLT Press.

ZANONI, Anna Paula. **Imagens da solidão na contemporaneidade**: a contribuição do filme Her em uma perspectiva junguiana. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.